

## A INFÂNCIA DO MENINO GRACILIANO RAMOS

Mércia Maria de Santi Estácio  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFRN

### **Resumo:**

Este artigo tem o propósito de discutir a infância e seu entorno de um escritor brasileiro. Partimos da leitura do livro intitulado “Infância” de Graciliano Ramos e reconhecemos registros de memórias do menino Graciliano. Em sua narrativa encontramos relatos de sua relação com o pai e a mãe dentre outras pessoas que fizeram parte de sua infância. Tais memórias escritas em 1945 remontam à época entre 1892 (data de seu nascimento) e 1905 (data do seu ingresso na escola em regime de internato). Graciliano era filho de comerciante e neto de donos de fazenda e viveu sua infância no interior de Pernambuco e de Alagoas. Buíque e Viçosa, duas pequenas vilas, são os cenários de suas lembranças nem um pouco saudosas, e divididas entre pessoas, sentimentos e ressentimentos experimentados nas relações dentro da família patriarcal e na escola de métodos rígidos. Assim, partimos das seguintes questões: Quais lembranças da infância nos deixam mais saudades? Por que nos sensibilizamos com leituras que explicitam o mundo infantil? Quais as mudanças mais pontuais e importantes ocorreram na escola? Neste sentido, buscamos analisar a partir da leitura do livro a relação dos adultos com as crianças, os encontros e desencontros que acontecem, bem como, a mudança da escola que na época relatada por Graciliano Ramos era um espaço revestido de uma imagem aversiva, e que se apresentava, no imaginário infantil da época, como um espaço em que os adultos disciplinavam as crianças fazendo uso de castigos, punições e escárnio, contra elas e qual o cenário que se apresenta atualmente? Consideramos, portanto, que este trabalho resulte em conclusões significativas a respeito da criança, da escola e de tudo o que permeia a infância. Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Memórias do Brasil”.

Palavras-Chave: Infância. Narrativa. Escola. Memórias do Brasil.

### **Contextualização:**

Os anos passam e modificam as pessoas, as instituições, as relações, os objetivos, enfim nada fica ou deveria ficar imune às mudanças. No entanto, mudar não é fácil, nem tão pouco confortável, exige disponibilidade, pois é desequilibrar para depois equilibrar novamente e essa não é uma tarefa fácil, pelo contrário exige esforço. Nessa linha de pensamento tentaremos desenhar um cenário sobre alguns elementos norteadores dessa pesquisa, como a infância e a escola, dentre outros.

Ser criança e viver a infância com plenitude aproveitando essa fase nem sempre foi aceito ou permitido. Em tempos remotos, ou talvez ainda hoje em pleno século XXI, esperamos das crianças um comportamento, uma atitude semelhante ou próxima a de um adulto. Não percebemos ou entendemos as angústias, as alegrias, os conflitos e ansiedades vividos pelas crianças, não respeitamos ou atribuímos o devido

valor, como se tudo que estivesse ligado ao mundo infantil, fosse menos importante, menos sério.

Assim, com pouca preocupação pelo desenvolvimento das crianças em sua fase mais significativa, necessidades básicas e reais como o brincar eram relegadas e/ou negligenciadas, uma vez que se via a criança como um adulto em miniatura, não percebendo suas reais necessidades. “A aparição da criança como categoria social se dá lentamente entre os séculos XIII e XVII”. (PAULA apud ARIÈS 1979:14).

Como a infância ainda não tinha conquistado seu espaço, tão pouco o brincar era visto como um componente importante na estruturação da criança. As crianças do Brasil colonial habitavam dois espaços distintos e opostos: a casa-grande e a senzala. Em ambos observamos: o ensino de prendas domésticas para as meninas; a escassez de livros e brinquedos; trabalho na cozinha, nos estaleiros e outras tarefas de subserviência. A relação entre os filhos de escravos, que às vezes eram tratados como meros objetos de diversão pelos filhos dos patrões revelavam uma situação com momentos típicos da infância da época: eles trocavam histórias, lendas, fábulas, dentre elas a do saci-pererê, da mula-sem-cabeça, do boitatá, entre outras.

Nessa época não existia a obrigatoriedade da educação para as crianças maiores de sete anos e também havia poucas escolas. Este cenário só iria ser modificado na segunda metade do século XIX. Mas mesmo diante dessa ampliação as meninas de qualquer classe social não podiam freqüentar a escola e tão pouco os escravos eram aceitos.

Podemos observar desta maneira que a infância ia buscando através de seus próprios recursos seu caminho, sua identidade, seu espaço, talvez contrariando as possibilidades da época ou apresentando novas possibilidades, para novos (re) encontros, mas não perdendo ou suprimindo a capacidade de sonhar, de ser criança e viver a infância.

Há muito poucas palavras para definir a criança no passado. Sobretudo no passado marcado pela tremenda instabilidade e a permanente mobilidade populacional dos primeiros séculos de colonização. "Meúdos", "ingênuos", "infantes" são expressões com as quais nos deparamos nos documentos referentes à vida social na América portuguesa. O certo é que, na mentalidade coletiva, a infância era, então, um tempo sem maior personalidade, um momento de transição e por que não dizer, uma esperança. (PRIORE, 1999)

E a escola? Quantas transformações ou não? No Brasil-Colônia tínhamos poucas escolas e muitas restrições para as meninas e os escravos. A preocupação maior era em disciplinar a criança – fato ainda recorrente – os educadores não estavam devidamente preparados para alicerçar o crescimento das crianças. Houve época em que estudar em escola particular era motivo de vergonha, uma vez que o ensino público tinha tradição e qualidade. Observamos, no entanto, uma inversão dessa posição atualmente, uma vez que as escolas públicas apresentam em sua maioria precárias condições de atendimento seja de infra-estrutura e/ou no quadro de professores.

Temos muitas escolas, mas distribuídas de forma irregular, concentrando-se nas capitais, nos centros urbanos, colocando à margem a população rural e/ou promovendo grandes deslocamentos, nossos professores avançaram, mas ainda podemos encontrar mentalidades estagnadas no tempo, que buscam a disciplina, o adestramento das crianças.

O lugar de estudo era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício uma crucificação [...] Não há prisão maior do que escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram. Abandonei os cadernos e auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim, aos nove anos ainda não sabia ler. (RAMOS, 1993:188)

Diante de tantos contrastes, como estabelecer relação com a obra escrita há tanto tempo, mas que denota um cenário com semelhanças, não muito agradáveis, mas que existem e precisam ser modificadas, para que realmente possamos avançar e crescer.

### **Desenvolvimento:**

Na obra “Infância” de Graciliano Ramos o autor relata os encantos e desencantos vividos em sua meninice, os sofrimentos na escola e na família descrevendo em detalhes a aspereza das relações humanas, pautadas no menosprezo, no desrespeito. Isto não é só relatado nesse livro, mas em muitos outros como “Quando eu voltar a ser criança” de Janusz Korczak, [pediatra](#), [autor infantil](#) e [pedagogo judeu polonês](#) que tratou de temas relacionados à infância com muita propriedade e atenção.

Cheguei a perguntar um dia:

- Mãe, fita vermelha fica melhor num cachorrinho ou num gato?

E ela disse:

- Você rasgou a calça outra vez.

Ao papai perguntei:

- Todo velhinho precisa de um banquinho embaixo dos pés, quando fica sentado?

Papai disse:

- Todo aluno deve tirar boas notas, e não deve ficar de castigo.

Então deixei de perguntar. Passei a deduzir as coisas sozinho. (KORCZAK, 1989:14)

Nesse breve diálogo extraído da obra, percebemos a intolerância, a falta de atenção e escuta acolhedora dos adultos diante de perguntas simples, inocentes, mas que parecem esconder alguma outra intenção, quem sabe a calça rasgada, ou notas baixas na escola. Os adultos esquecem que as crianças são inocentes, elas fazem perguntas que nos parecem tolas, sem sentido, ingênuas, mas para elas são problemas de difícil resolução.

Será que nós adultos estamos satisfeitos com a nossa vida? Será que nossas frustrações, as exigências da sociedade não nos empurram para tais atitudes? Ou não? Os adultos são assim mesmo e pronto, pensam que são os donos da verdade e não conseguem entender a inocência, a ingenuidade das crianças.

Observamos uma hierarquização entre o mundo dos adultos e o das crianças. Reforçando que tudo que é feito, sentido e pensado pelos adultos é sério, importante, necessário e que para as crianças tudo é brincadeira, coisa sem importância, passa tempo. Aos adultos quase tudo é permitido, às crianças quase tudo é negado. No entanto, os adultos um dia foram crianças, aliás, todos os adultos já foram crianças um dia e também passaram pelas mesmas situações.

O que aconteceu com a sua memória? Perdeu-se? Como podem reproduzir com as crianças com as quais convivem, os mesmos atos outrora sofridos, como que num efeito dominó, num movimento cíclico a história se repetisse. Será isso correto? Coerente? Uma vez que somos seres dotados de inteligência, não seria mais do que normal atitudes diferentes ao invés da reprodução de modelos oferecidos?

“As crianças e os animais brincam porque gostam de brincar, e é precisamente em tal fato que reside sua liberdade” (HUIZINGA, 2001:10). Assim como o sonho, as brincadeiras, atividades que permeiam a infância, foram ao longo da história do mundo, consideradas coisas sem importância.

Mas como falar de criança sem falar de infância e vice-versa. Estas palavras se entrelaçam difícil delimitar o espaço de uma e de outra. Sabemos que é nessa fase – a infância – que diversos valores, atitudes e posturas são incorporados e apreendidos para a vida, portanto impossível não perceber a importância da mesma. É na infância também que através do brincar a criança se estrutura, estabelece relações com seu entorno, cria vínculos, aprende a respeitar regras, se socializa. Inegável então não observar o campo de aprendizagens que reside na infância e que incidirão de forma contundente na vida adulta desses pequenos seres.

O mundo dos adultos envolto a compromissos e tarefas não dá credibilidade aos diálogos infantis, não atribuem a essas conversas importância, uma vez que se trata apenas de “crianças” conversando e, portanto, sem importância, infantil, menor. No entanto, esses diálogos pouco valorizados pelos adultos expressam sentimentos, dos mais diversos tipos: felicidade, tristeza, angústia, saudade, ansiedade, etc. Mas nós adultos não temos uma escuta atenta para os mesmos, somos muito ocupados e importantes.

E na escola as coisas não acontecem de forma diferente, o autor narra o seu difícil processo de alfabetização. Observamos nos capítulos que se seguem uma crítica moderna ao sistema educacional. Como será possível ensinar eficientemente, se o que se apresenta aos alunos não faz parte da sua realidade, ou melhor, está muito distante do mundo que conhecem. O autor conta seu desconhecimento sobre a palavra “ter-te-ão”, e mais perplexo fica ao perceber que sua professora também não sabe do que se trata.

Em sua narrativa Graciliano discorre sobre alguns de seus professores como D. Maria, sua primeira professora, uma mulher limitada em seus conhecimentos, mas que, com seu jeito meigo, atencioso e compreensivo, perdoando os erros dos alunos, torna-se um oásis no penoso processo de aprendizagem do menino Graciliano. Dona Maria do Ó, e o professor mulato caracterizado como “pachola”, esses dois foram alvos do racismo de Graciliano.

Vale dizer que com o romance *Infância*, pode-se redescobrir o sentido histórico e cultural do conceito de leitura. A criança que até os nove anos de idade repudiou a leitura que lhe era imposta aprende com um leitor sensível a conhecer a universalidade do ato da leitura, a sua história e as marcas que pode imprimir na humanidade. Aos poucos, o menino Graciliano se percebe, por meio das leituras, indagando o mundo, falando e se comportando de modo diferente. O sujeito, grande ou pequeno, tem apenas no meio sócio-cultural as possibilidades de romper as amarras do apagamento e caminhar em direção ao seu pleno desenvolvimento intelectual - sentido maior da leitura. (SILVA, 2004)

A escola retratada por Graciliano Ramos era patriarcal, severa e acha normal a aplicação de castigos físicos nos alunos. Hoje não observamos, via de regra, esse sistema mas observamos, em muitos espaços a falta de acolhimento, a falta de escuta, de empatia dos professores para com os seus alunos, atitudes tão dolorosas como os castigos de outrora.

### **Considerações Finais:**

Os anos se passaram, algumas coisas mudaram outras não. Observamos hoje que existe mais preocupação com o desenvolvimento da criança, e respeito ao seu mundo cercado de imaginação e fantasia. Mas ainda é preciso avançarmos, enxergarmos a criança como uma pedra em estado bruto, mas que não quer dizer burro ou atrasado, uma pedra que com o passar do tempo será lapidada pelas pessoas e situações que a cercam e que proporcionam a ela estímulos, aprendizagens, desenvolvimento.

Assim, precisamos estar mais atentos e vigilantes em relação às nossas atitudes com as crianças. Seu desenvolvimento motor acontece mais rapidamente do que o desenvolvimento de seu pensamento, isso não quer dizer que as crianças não pensem, pelo contrário, pensam e muito, mas para nós adultos dentro do nosso mundo, da nossa visão de seres superiores, não temos sensibilidade para entender e muito menos acessar tais pensamentos. Não conseguimos compreender os atos das crianças, só apenas os rotulamos como hiperativos, agitados, falantes, etc.

Nossa capacidade de percepção diminui quando nos tornamos adultos, e muitos de nós abandonamos nosso lado criança. Existem adultos que também se divertem em apostar corridas e sentir o vento batendo no rosto; em construir castelos na areia da praia; em passear na calçada coberta de neve; em tomar banho de chuva; em pular corda e/ou amarelinha, etc. Enfim, adultos que não trancafiaram suas crianças em porões e jogaram a chave fora, pelo contrário mantêm suas crianças livres, para correr, brincar, se divertir. Talvez essa seja a possível explicação para a afeição que as crianças sentem por alguns adultos, parece que se entendem se acolhem.

Nossa escola avançou, hoje falamos e praticamos a inclusão, a transdisciplinaridade, a interdisciplinaridade, e somos complexos. No entanto, sabemos que mais importante do que praticar os conceitos acima citados é incorporamos uma postura inclusiva, uma postura transdisciplinar, uma postura interdisciplinar, uma postura complexa, que acolhe, que escuta, que valoriza as diferenças, as bagagens construídas através do percurso de vida de cada aluno, como único e singular.

Talvez achamos em nossa efêmera inteligência, ou quem sabe a nossa estatura, nos coloque numa posição superior às crianças, enganamo-nos. Quantos equívocos cometemos por nos colocarmos acima delas, não nos detemos a observá-las para quem sabe conseguir compreende-las, estamos sempre apressados, cheios de tarefas, compromissos, afazeres e não podemos perder tempo com as crianças. Atropelamos suas perguntas, e lhes damos respostas pela metade ou antecipamos alguma intenção que não tenha jamais acontecido. Mas isso nos concede um status, um ar de superioridade que alimenta nosso ego, nossa vaidade.

O que nos parece é que esquecemos de viver o presente, estamos sempre preocupados com o futuro e com as crianças não é diferente. Dessa forma, parece que vivemos a vida pela metade, como se algo ficasse faltando, ou fosse deixado para trás, talvez isso nos gere um sentimento de nostalgia, de melancolia, de saudade.

No entanto, trata-se apenas de uma ilusão, uma mera ilusão, que confirma a urgente necessidade de um investimento maciço em nosso lado sensível, de vivenciarmos cada fase de nossas vidas de forma intensa, de restabelecermos os laços com as crianças que nos rodeiam e aquela que habita em cada um de nós. De repensarmos nossas escolhas e as escolhas que temos feito para nossas crianças, talvez isso possa assegurar no futuro relações mais estáveis e equilibradas, mas trata-se apenas de sugestões, de possibilidades que podem ou não serem levadas a frente por nós e fazer com que a humanidade se reencante novamente pela vida, pelos homens, pelas crianças.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história. Destruição da experiência e origem da história.** Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo a educação.** São Paulo: Summus, 1984.

\_\_\_\_\_. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORBA, Ângela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo.** In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade.** 2. ed. Brasília, 2007, p. 33-45. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>,> Acesso em: 10 out 2007

DELORS, Jacques et al. **Educação. Um tesouro a descobrir.** Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HUINZIGA, Johan. **Homo ludens.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança.** São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

\_\_\_\_\_. **Como amar uma criança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

MATURANA Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e Brincar:** Fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.  
PRIORE, Mary Del. **Criança e crianças:** história e memória em quinhentos anos de Brasil. Disponível em: <http://www.tropicologia.org.br/conferencia/1999crianca.html> - Acesso em 28 Jul 08

RAMOS, Graciliano. **Infância.** Rio, Editora Record, 1977

SERRES, Michel. **O incandescente.** Tradução Edgard de Assis Carvalho/Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.